

ESTRUTURAS DO CONHECIMENTO PEDAGÓGICO BIOCÊNTRICO

Prof. Dr. E facilitador Agostinho Mario Dalla Vecchia
Mestre e Doutor em História do Brasil
Facilitador pela Escola Biocêntrica Rolando Toro de Pelotas
International Biocentric Foundation

RESUMO

Importante ressaltar aos leitores que vou estudar a teoria do conhecimento da visão e da educação biocêntricas abraçando o processo que envolve a caracterização, análise e interpretação do conhecimento pedagógico biocêntrico. Busco apoio na abordagem do conhecimento biocêntrico já existente ou implícito nos textos produzidos, nas experiências pedagógicas vivenciadas, partilhadas e refletidas por educadores biocêntricos.

Nossa trajetória de análise passa pelas clássicas causas do conhecimento estabelecidas por Aristóteles¹ e que permitem uma

¹ Aristóteles afirma que o conhecimento e ciência consiste em ter em conta as causas. Perguntar a causa significa perguntar o *porquê* da coisa. Há várias espécies de causas. Primeiro, causa é aquilo de que uma coisa é feita, ex. o bronze é causa da estátua; segundo, a causa é a forma, modelo, essência necessária ou substância de uma coisa, ex. a causa do homem é sua natureza racional; terceiro, causa é o que dá início ao movimento ou repouso, ex. o autor de uma decisão é a causa dela; o quarto sentido é o fim, ex. a saúde é a causa porque se passeia. Causa material, causa formal, causa eficiente e causa final são todas as causas possíveis segundo Aristóteles. (Nicola Abbagnano, Dicionário de Filosofia. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1960) Situamos o pensamento de Aristóteles na concepção cosmocêntrica do

abordagem metódica, quem sabe, mais adequada e completa do assunto. Neste artigo abordarei as duas primeiras partes: a que se refere ao *padrão de organização* do conhecimento em nós (causa formal) e o *processo dinâmico* do conhecimento (causa eficiente). Em artigo posterior trataremos das duas dimensões seguintes: as estruturas materiais resultantes desta construção (causa material) e do sentido deste conhecimento (causa final).

PALAVRAS CHAVE:

Teoria do conhecimento, conhecimento biocêntrico, conhecimento pedagógico biocêntrico.

INTRODUÇÃO

Um dos objetivos desta pesquisa e de uma das linhas de pesquisa do grupo A Teia da vida (CNPq) é a investigação e ampliação do pensamento biocêntrico tendo presente os pressupostos teóricos estabelecidos por Rolando Toro a partir do Princípio Biocêntrico, paradigma estabelecido e configurado a partir da sua percepção intuição e vivência profunda de conexão com a vida. Para mim este é um trabalho de ousadia. A intenção é cooperar como sempre fiz com o desenvolvimento e operacionalização deste modo de entender a realidade. Que seja para discussão de mais pessoas que sentem a paixão por esta visão de mundo e que acreditam nas suas reais possibilidades.

Importante ressaltar aos leitores que vou estudar a teoria do conhecimento da visão e da educação biocêntricas abraçando o processo que envolve a caracterização, análise e interpretação do

pensamento grego. Ao refletir sobre as organizações Capra (2002) percebe uma semelhança entre a abordagem de Aristóteles e sua própria abordagem. Porém, podemos afirmar que Capra situa-se numa abordagem biocêntrica das organizações. É este caminho que pretendo seguir utilizando o mesmo esquema na abordagem das estruturas do pensamento pedagógico biocêntrico.

conhecimento pedagógico biocêntrico. Busco apoio na abordagem do conhecimento biocêntrico já existente ou implícito nos textos produzidos, nas experiências pedagógicas vivenciadas, partilhadas e refletidas por educadores biocêntricos.

Nossa trajetória de análise passa pelas clássicas causas do conhecimento estabelecidas por Aristóteles² e que permitem uma abordagem metódica, quem sabe, mais adequada e completa do assunto. Neste artigo abordarei as duas primeiras partes: a que se refere ao *padrão de organização* do conhecimento em nós (causa formal) e o *processo dinâmico* do conhecimento (causa eficiente). Em artigo posterior trataremos das duas dimensões seguintes: as estruturas materiais resultantes desta construção (causa material) e do sentido deste conhecimento (causa final).

Na edição anterior foi publicado o primeiro dos meus artigos sobre a epistemologia biocêntrica com o título: A Complexidade e o Pensamento Biocêntrico.

I.FORMA: CAUSA FORMAL

O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO

Começamos pelo *padrão de organização*, que se reflete na configuração das relações e dos conhecimentos entre os outros componentes do “sistema” (processo, estrutura e significado) como

² Aristóteles afirma que o conhecimento e ciência consiste em ter em conta as causas. Perguntar a causa significa perguntar o *porquê* da coisa. Há várias espécies de causas. Primeiro, causa é aquilo de que uma coisa é feita, ex. o bronze é causa da estátua; segundo, a causa é a forma, modelo, essência necessária ou substância de uma coisa, ex. a causa do homem é sua natureza racional; terceiro, causa é o que dá início ao movimento ou repouso, ex. o autor de uma decisão é a causa dela; o quarto sentido é o fim, ex. a saúde é a causa porque se passeia. Causa material, causa formal, causa eficiente e causa final são todas as causas possíveis segundo Aristóteles. (Nicola Abbagnano, Dicionário de Filosofia. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1960) Situamos o pensamento de Aristóteles na concepção cosmocêntrica do pensamento grego. Ao refletir sobre as organizações Capra (2002) percebe uma semelhança entre a abordagem de Aristóteles e sua própria abordagem. Porém, podemos afirmar que Capra situa-se numa abordagem biocêntrica das organizações. É este caminho que pretendo seguir utilizando o mesmo esquema na abordagem das estruturas do pensamento pedagógico biocêntrico.

uma rede auto-organizadora. O padrão de organização, segundo Capra (2002), determina o processo das relações que se estruturam dentro de um organismo, de uma organização a partir de um sentido identificado como razão de sua existência. À semelhança da organização, elementos “imateriais e orgânicos” determinam nosso comportamento afetivo, assim como biologicamente o potencial genético determina a estrutura orgânica da pessoa, a pigmentação da pele, a cor dos olhos, a fisionomia, etc. Por analogia, à semelhança da organização, elementos “imateriais e orgânicos” determinam nossos processos de conhecimento. Então, nós temos pré-condições para a vivência da afetividade, para formação de estruturas de relações grupais concretas com consciência da finalidade específica dessas vivências. O conhecimento encontra suas pré-condições na mesma origem e tem como fundamento e motivação na afetividade. O conhecimento da Afetividade é, acima de tudo, vivencial e deve teoricamente ser elaborado. Para isso, o Modelo Teórico de Capra é um indicativo para um caminho de investigação que se fará caminhando.

Em primeiro lugar, o padrão de organização ou de configuração das redes de conhecimento de uma pessoa, de um grupo, de uma organização e da espécie hipoteticamente tem seu componente original no código genético. O registro do passado da trajetória do universo como um organismo vivo, a configuração dos conhecimentos que se estabelecem no desencadeamento dos conhecimentos, tem uma estrutura organizada no DNA, com a disposição originária à vivência na medida em que os fatores internos e externos acionam os instintos humanos, despertam a percepção deflagrando a emoção, a formação dos sentimentos, a constituição do saber integrado em nossa inteligência afetiva, em nossa racionalidade cuja fonte originária é o afeto.

Por analogia podemos indicar a existência de uma estrutura “cognitiva, de natureza imaterial, com uma base corporal e orgânica” (CAPRA, 2002), e que se concretiza em nosso potencial de afeto articulado a partir de nossas informações genéticas, sustentadas em bases químicas, dos nossos sentidos e da sua conseqüente percepção sensível, da emoção, dos sentimentos e do conhecimento elaborado por nossa inteligência afetiva. Por natureza da própria vida, essa

estrutura é auto-renovável, “auto-poiética” (MATURANA E VARELA: 1987) assim como uma célula viva. Isso significa segundo F. Capra, que a vida existe onde existe uma estrutura material a ela integrada e que lhe dá caráter de realidade viva (CAPRA, 2002). Assim, o conhecimento tem uma base material, corporal, orgânica e racional que permite sua dinâmica e sua expressão carregada de significado.

Causa formal é sinônimo de forma, parte intrínseca do composto que forma o padrão de organização. É determinante e especificadora do que resulta quando colocada em ação. É um potencial que acionado vai dar resultados de acordo com a sua natureza. Ex. uma semente de carvalho é a causa formal da árvore carvalho que surge quando é operado o processo de germinação, nascimento, crescimento, florescimento, frutificação. O potencial de conhecimento inerente à nossa estrutura corporal dos sentidos, instintos, emoção, sentimentos e inteligência, quando colocados em ação, vão resultar no conhecimento da complexidade.

A dimensão principal da forma estrutural e originária ou padrão de organização do conhecimento é a afetividade. Grande parte da estrutura da afetividade situa-se em nosso corpo. Originariamente o potencial afetivo, a capacidade de dar e receber amor, a capacidade de rejeitar, odiar, rechaçar está registrada em nós. O contato com a realidade desencadeia em nosso organismo a série complexa de sensações, emoções e sentimentos oriundos dessa fonte. Esse potencial pode ser expresso e desenvolvido através de processos educativos indutores.

O contato com a realidade de distintas dimensões afeta originariamente esta capacidade de querer, de gostar, de amar ou de sentir o contrário. É através das janelas dos sentidos que entramos em contato com a realidade e expressamos nossas sensações, emoções e sentimentos afetivos e temos os elementos para a construção sistemática do conhecimento. Vamos destacar cada uma dessas dimensões com o sentido que se trata de um ensaio e que, portanto serve para a discussão e manter um processo de construção de conhecimento aberto.

A. NOS SENTIDOS:

A afetividade estrutura-se em nossos sentidos, nessas janelas de conexão do homem com o mundo. Uma dessas estruturas são os olhos.

Olhos: pela visão e pelas formas de olhar o outro, o aluno, a realidade. A complexidade da estrutura dos sentidos é o palco do processo extremamente dinâmico de nossa interação afetiva com o mundo, com o outro e conosco mesmo. Através dos nossos olhos expressamos aprovação ou reprovação, nossa atração ou rejeição a alguém. Através do nosso olhar e de suas diversas formas nós qualificamos, aprovamos, reconhecemos, limitamos ou acolhemos alguém em nossa vida. Este fenômeno é percebido vivencialmente por nossos educandos.

Ouvidos – pela audição podemos escutar, ouvir, acolher o outro, o aluno.

Através dos ouvidos nós ouvimos o outro, ouvimos os sons, os ritmos, as harmonias e o barulho do mundo. Pela audição nós acolhemos a voz do outro, o canto do outro, seu grito emocionado, sua palavra de súplica e de reconhecimento. Quando escutamos podemos amar ou rejeitar o que estamos ouvindo. É o nosso afeto acionado.

Pele: pelo tato temos o toque, a carícia, o abraço que permitem sentir a textura da pele do outro, do corpo dos objetos no ambiente. É o toque o ato que nos põem em contato sensível com o outro. Isto nos dá acesso a algo invisível, ao ser do outro. A carícia é um ato profundamente afetivo quando feita com amor. Pode ser uma forma de ferir quando agimos com aspereza e toxidez. Tocar a pele do outro pode ser surpreendente e levar-nos ao núcleo da identidade humana.

Aparelho do olfato: pelo olfato sentimos o aroma, cheiramos o outro. Quem não lembra o cheiro da pessoa amada ou detestada. Guardamos pela vida afora o cheiro das pessoas marcantes em nossa existência. O aroma de uma fruta, o perfume de uma flor, o cheiro da floresta, nos atraem. Rejeitamos os cheiros da deterioração de objetos orgânicos e o cheiro de pessoas que irradiam a falta de cuidado consigo mesmas. É o afeto que está ligado a essas formas de percepção dos nossos sentidos.

Boca: pelo paladar acessamos ao sabor das coisas, do outro. O afeto é nutritivo do nosso ser e muitas pessoas ficam somente neste momento inicial do afeto e tornam-se obesas por comer demais, atribuindo aos alimentos o que não encontram de nutritivo nas outras pessoas. No nível do amor diferenciado pelo parceiro a relação afetiva e o vínculo são expressos de uma forma muito forte porque “nos comemos”. “Nos nutrimos do outro na sua totalidade” e nutrimos ao outro num banquete de fusão e de orgasmo na entrega.

B. NOS INSTINTOS:

Os instintos são outras dimensões pelas quais se articula nossa afetividade.

Gregário: instinto de proteger-se, nutrir-se e unir-se a um grupo diante da ameaça; diante dos desafios; diante da necessidade de preservar a vida. Somos seres relacionais e temos necessidade de estar juntos. Em determinados momentos precisamos estar sós. É a pulsação da vida e que existe em tantas dimensões do nosso ser. Em momentos de tragédias ou de grandes ameaças as pessoas tendem a juntar-se de forma solidária e proteger-se. Nos primórdios da humanidade em tempos de glaciação os homens se protegiam em conjunto nas cavernas. Assim sobreviveram.

Exploratório: impulso para inovar, investigar, descobrir e expressar a realidade. Nos primeiros anos de vida, quando a criança começa a crescer o instinto exploratório está fortemente ativado na sua forma mais natural. Depois ele é reprimido, negado em função da disciplina, do bom comportamento, da comodidade dos pais. Os

professores não suportam a agitação investigativa dos seus alunos e acabam desmotivando profundamente seus educandos. Há um impulso forte de chegarmos ao conhecimento da realidade e de expressar o que isso provoca em nossa razão, em nossa sensibilidade, em nossa emoção. Um aluno deve apaixonar-se novamente pela pesquisa, pela investigação, saciar o interesse que brota de sua permanente experiência da vida, dos fatos, das situações, dos seus contatos amplos e profundos. A ciência, a filosofia, a arte em todas suas formas são incrementadas por esse impulso de busca do conhecimento total e definitivo que jamais conseguiremos porque a realidade vai se revelando aos poucos e a vida é um processo criativo permanente do novo, do surpreendente, do absolutamente novo.

Sexual: é o instinto relacionado à reprodução e à prolongação da vida. A sexualidade está intimamente ligada à afetividade. Podemos encontrar situações em que elas estão dissociadas na pessoa. Na eminência de uma tempestade ou de grandes catástrofes da natureza, há muitos insetos e animais que acionam seu instinto de reprodução como forma de preservação e reprodução da espécie. Enxames de formigas revoam agitadamente numa dança de reprodução nestas situações. Quando um casal se ama profundamente, este amor torna-se fecundo. A necessidade de expressão desse amor orienta-se para a reprodução da vida. Surge como uma necessidade natural.

Sobrevivência biológica: está implicada em movimentar-se e repousar. A sobrevivência biológica do nosso ser depende da nossa vida em ação, do movimento corporal, da nossa ação e repouso. Uma pessoa que vive de forma sedentária, com o tempo, acumula uma série de deficiências orgânicas que afetam, cedo ou tarde, sua saúde. Caminhar é uma necessidade, assim como o repouso. Se a vida não é acionada sua energia não tem expressão e perdemos a vitalidade. O nosso movimento também se refere aos nossos afetos que precisam expressão para realizar-se. Relacionar-se sexualmente envolve uma dança cósmica em ritmo de amor e em harmonia com o universo. O movimento é uma ação ontológica de crescimento do nosso ser, de amadurecimento.

Fusão e dissolução, Integração, ultrapassagem.

Assim, a gênese biológica da afetividade relaciona-se com o instinto de solidariedade intra-espécie, impulsos gregários, tendências altruísticas e rituais de vínculo. Exemplos do fato são mostrados em cardumes, bandos e manadas (TORO,1999:8).

Mais elementarmente a Biologia Celular revela que há verdadeiras comunidades de células nos órgãos de um organismo vivo, que integram ações bioquímicas de “cooperação celular”. Em casos de necessidade, chegam a alterar o comportamento bioquímico. Um choque afetivo, uma perda afetiva profunda pode causar dissociações orgânicas e resultar num processo celular cancerígeno.

No homem, os impulsos instintivos culminam em sentimentos altruístas e constituem a gênese do amor. A proximidade de uma pessoa pode provocar uma misteriosa química em nós. Dependendo, se a pessoa provoca atração, ela provocará uma reação química saudável em nossas células, mobilizando nossa mente, o sistema límbico hipotalâmico, o sistema endócrino e a produção de hormônios. Enfim, uma renovação orgânica e do nosso ânimo. Se provocar repulsão a sensação será de mal-estar. A presença do educador é importante na vida do educando, especialmente pela forma como se relaciona e da forma como é e vive.

Fatores estruturais da afetividade

a - A **Identidade**. A afetividade está profundamente enraizada na Identidade compreendida no Princípio Biocêntrico e que se constitui no desenvolvimento de cinco linhas de vivência, cujo processo de integração é articulado pela afetividade. A Identidade, segundo essa concepção, tem dois movimentos: um ascendente e evolutivo, que inicia nas protovivências do bebê e que avança ininterruptamente ao longo de toda a vida, numa perspectiva infinita de crescimento; o outro pulsante e que ocorre no movimento de transe entre a consciência aumentada e integrada com o todo e a regressão, na qual a pessoa se integra profundamente a si mesma. As linhas de vivência que compõem e dinamizam a Identidade humana são os potenciais de contato e de vínculo na linha da afetividade; os

potenciais de desejar e de sentir prazer, na linha da sexualidade; a capacidade de fusão com o cosmo na linha da transcendência; a capacidade de vida e de saúde na linha da vitalidade e a capacidade de partilhar da criação do cosmos, de fazer surgir o novo na linha da criatividade, tão importante também no processo educativo (TORO, 2002: 99-115).

b - Nível de Consciência. É o segundo fator estrutural da Identidade humana. A percepção do essencial e o nível de expansão da consciência vinculam o indivíduo ao universo e aos outros seres humanos. A expansão da consciência permite ao indivíduo vincular-se a tudo o que está vivo. Suas tendências são de exaltação e de devoção pelo milagroso fato de existir, amor infinito, compreensão e compaixão. As pessoas, cujo nível da consciência é baixo, não têm visão e percepção da totalidade e vivem girando em torno de conflitos miseráveis (TORO, sd:9).

c- Nível de comunicação. É o terceiro fator estrutural da Identidade. Há um nível de comunicação semântica que visa transmitir informações e que se mescla a frases habituais de gentileza. Há, porém, um nível de comunicação mais sutil, acompanhado de um tom de sinceridade, uma linguagem de compreensão íntima, de tácito acordo e que fala mais à alma que ao intelecto. Nesse nível de comunicação as pessoas se sentem vivas. A comunicação através da linguagem tem, geralmente, um sentido preciso, mas adquire significados novos segundo o tom da voz e o componente afetivo. Há algo “diferente” em certas formas de comunicação que adquirem intensidade, calor, sensações sutis, na manifestação-ocultação de significados. Há sinais mais complexos que falam uma nova linguagem de intimidade, de compreensão, uma espécie de acordo silencioso (TORO, sd:9-10).

Na comunicação, segundo Jaspers “flui a cumplicidade absoluta de viver o instante juntos” (JASPERS apud TORO, sd:10). Sem a comunicação de convivência não é possível viver. Exercícios vivenciais (de Biodanza) podem permitir a comunicação neste nível sutil e romper a frieza de nossas relações. Aí a vida flui.

Há certas tendências culturais de “manter a distância” (TORO, sd:10). O individualismo típico do pensamento anglo-saxão (indo-

européu) cria a “respeitosa distância” entre as pessoas. Quantas vezes o professor age por esta concepção. Na realidade, não quer se comprometer. Além de o educador ser atento à natureza da própria linguagem, a do educando, na comunicação ele precisa ser perceptivo para não reproduzir o individualismo típico da nossa cultura (TORO, sd:10-11).

d - Ecofatores e antecedentes biográficos são o quarto fator determinante da afetividade. A possibilidade de que existam componentes genéticos na afetividade está em discussão e em comprovação. Pelos estudos de Adrián, Paul Weis, Kenneth Roeder e Erich von Holts, a afetividade das pessoas pode estar determinada, em parte, pelas funções neuro-endócrinas (TORO, sd:11).

As experiências infantis constituem determinantes das tendências afetivas adultas de amor e de ódio. Esses pressupostos são importantes para se atuar em aula. Conhecer a família e a história de cada aluno seria o ideal. O contexto social pode desencadear respostas agressivas nas massas humanas, diante da atuação de governos totalitários.

A afetividade pode ser determinada por fatores genéticos fisiológicos, culturais e ambientais. “Somente um estado de expansão da consciência pode regular as relações humanas e transcender a malignidade que adquirem formas monstruosas no inconsciente coletivo” (TORO, sd:11). É importante o educador perceber que, o que define a Identidade são os ecofatores e os potenciais. Os ecofatores interferem sobre os potenciais, acionando suas possibilidades. No homem, o principal ecofator é humano, é a presença ativa do outro. A forma como eu vivo coincide com a dos outros. Não somos indivíduos. Isso é ilusão.

O sentimento de estar sozinho no mundo é de uma escassez muito grande. Se a célula desenvolve-se sozinha, fora do contexto, torna-se um câncer que mata todo o sistema na ilusão de ser “mais” ela. O sistema de vida hoje sugere a viver cada vez mais sozinho, cada vez mais enclausurado. A mídia e o mercado reforçam o viver sozinho. Enaltece-se o viver sozinho, um quarto incrementado com tudo que sugere o consumismo. Confunde-se a liberdade com o estar só. Para o pensamento burguês, ser livre é ser proprietário individual

e exclusivo. O padrão é muito comercial. Temos que cuidar para não cair em padrões, para não desaprender os vínculos, o viver com os outros, desaprender a afetividade. Isso dá inabilidade de lidar com o outro, de educar. Para isso é necessário viver. A Biodanza resgata os ritos tribais de vínculo (MYRTHES GONZALES, palestra na Escola Biocêntrica de Pelotas. Agosto de 2001)

A linha da afetividade é central na formação da Identidade. Em relação com a criatividade, a sexualidade, a transcendência, a vitalidade, a afetividade tem uma organicidade de teia. Lembramos a teoria da Matriz S, cuja abordagem filosófica é nomeada *bootstrap*, segundo a qual o universo é compreendido como uma teia de eventos inter-relacionados, mas com a afetividade na posição central. Ela é o eixo. Da mesma forma, a afetividade é a categoria básica para compreender as relações econômicas, políticas, sociais e culturais que veremos em momento posterior.

A afetividade é complexa. Tendo duração no tempo torna-se um sentimento, participando também da consciência e da representação simbólica. A simbologia é traduzida em todas as formas de mitos os quais têm uma linguagem da vida. A afetividade, dissemos, tem uma base instintiva. O instinto ativado provoca a sensação. A sensação desperta a emoção. Existem emoções que temos necessidade de elaborar. Aí passamos a simbolizá-las. Nessa medida as sedimentamos. Quando as lembramos alguns dias depois, é porque já se tornaram sedimentadas, se tornaram sentimento. A afetividade é sentimento que brota do instinto, passa pela sensação, é vivida como emoção; elaborada na consciência se torna sentimento. Sentimentos são emoções com duração no tempo: amor, ódio, ciúme, solidariedade... A emoção que lembramos depois de uns dias virou sentimento. No sentimento de abundância afetiva, podemos “esparramar” esse amor. No sentimento de escassez, assumimos uma postura similar estereotipada pelo mercado que apregoa a retenção e a frugalidade para construir o lucro.

A estrutura do ego tem a ver com a Identidade. O núcleo da Identidade é formado pela interação entre os elementos genéticos mais as influências do ambiente. A estrutura do ego seria uma tênue na Identidade. Às vezes ele se apresenta forte para não entrar em

contato com a Identidade. Às vezes é fraco possibilitando a expressão da Identidade.

Outro elemento afetivo ao qual o educador deve estar atento é que a afetividade pode estar ligada à sensibilidade ou não. Há pessoas que são afetivas, mas que não conseguem expressar sua afetividade. Hitler era uma pessoa extremamente sensível. A base do nazismo é a estética assentada na sensibilidade, na inteligência e na falta completa do amor. O nazismo é uma manifestação profunda das patologias da afetividade. Foi capaz das maiores brutalidades contra as diversidades dos cigamos, dos homossexuais, dos comunistas, dos semitas à quais dirigiu sua investida. Um aspecto da educação é exercitar para a sensibilidade, para a expressão das emoções e dos sentimentos, de forma integrada e saudável.

NAS EMOÇÕES

O afeto surge da forte sensação mobilizadora de atração ou repulsa. Amor, raiva, medo constituem exemplos de emoção. Segundo Maturana (1997) a emoção é propriamente o elemento constitutivo ontológico do ser. Surge da relação emocionada de vínculo com o outro, isto é, o amor.

Para Humberto Maturana, o homem surgiu no momento em que os primatas passam a utilizar da linguagem, originária em certa intimidade do viver cotidiano, na qual eles compartilhavam alimentos, sensualidade, criação dos filhos, cuidado com as crias. A linguagem permitia a coordenação dessas ações. Afirma o biólogo:

... mas é o fundamento básico do emocionar-se do mamífero e do primata que torna essa convivência possível. A emoção que torna possível essa convivência é o amor, o domínio de ações que constituem o outro como legítimo outro, na convivência, segundo o que eu digo (MATURANA: 1997: A ontologia do ser:46).

A emoção é corporal e perpassa todo nosso organismo causando rubor, calor, ansiedade, mobilização das vísceras, aceleração da pulsação, alteração na respiração, fluxos sanguíneos diferenciados, etc.

NOS SENTIMENTOS:

Este amor se concretiza nos sentimentos de amor, de empatia, de repulsa, de amizade; de fraternidade; maternidade; paternidade; amor diferenciado; amor indiferenciado; solidariedade; cumplicidade; compaixão. Maturana entende que nossa evolução se processa na intimidade da convivência perpassada da emoção do amor como constitutivo da linhagem humana. Em sua obra “Ontologia e realidade” (1997: 110-122), o autor afirma:

Nessa história evolutiva, isso de estar na linguagem, nessa intimidade da convivência, entrelaçado com o emocionar-se que tem o amor como emoção fundamental, tudo isso se torna parte do viver que se conserva e que constitui a linhagem à qual pertencemos (MATURANA: 1997: 46).

Fica mais explícito o elemento constitutivo do amor na nossa corporeidade, nas dimensões neurofisiológicas e anatômicas que ocorreram em milhões de anos. Isso se tornou um modo de viver humano ao mesmo tempo em que o homem se constituiu.

Essa é uma história de vários milhões de anos. E tem que ser assim porque as transformações fisiológicas, neurofisiológicas e anatômicas que ocorreram no sistema nervoso, no organismo, não podem ter ocorrido em 10, 20 ou 50 mil anos. Isso requer muito mais tempo. Mas ao mesmo tempo em que ocorreu essa transformação no modo de viver que era conservado, o humano se constituiu (MATURANA: 1997: 46-47).

A linguagem, permeada da emoção do amor, tornou-se um modo de viver, um modo de ser, passou a ser a ontogenia do ser humano. A tal ponto isso se configura, que nós temos uma fisiologia dependente do amor.

O linguajar e o emocionar juntos, ou seja, o conversar passam a constituir o modo de viver. As características desse modo de viver nos processos de desenvolvimento se tornaram, então, parte do modo mesmo de ser, da ontogenia humana. Então, nós somos animais dependentes de um viver no qual essas condições se dêem — tanto do ponto de vista das relações como do ponto de vista da fisiologia. Nós temos uma fisiologia dependente do amor. E isso se nota em como se altera a fisiologia quando se interfere com o amor (MATURANA: 1997: 47).

Enfim, o amor passa a ser a possibilidade da recuperação do processo ontológico do homem quando ele adoecer.

Nota-se que as patologias que surgem nas interferências com o amor, que são as neuroses, as alterações psicomotoras, os distúrbios da convivência, corrigem-se com o restabelecimento do amor como um domínio de ações que constituem o outro como legítimo outro na convivência (MATURANA: 1997: 47).

Isto é tão importante no desenvolvimento corporal, emocional e social da criança que Maturana afirma o seguinte:

Isto é particularmente central na epigênese, a história de desenvolvimento da criança. Quando essas coisas se alteram a criança não cresce no amor, sua fisiologia se distorce, surgem problemas de desenvolvimento, problemas de relação, problemas fisiológicos, psicológicos. Quando isso ocorre altera-se também seu ser social, se não cresce no amor, altera-se sua fisiologia e, com isso, sua configuração de mundo. Porque o mundo em que a criança vive é uma expansão de seu ser corporal e, portanto, de como ela vive sua corporalidade. A corporalidade pode ser vivida no respeito por si mesmo e no respeito pelo outro, que se dá na confiança, uma confiança sincera, não hipócrita. Então não cresce no amor, não cresce como um ser social (MATURANA: 1997: 47).

Em relação à questão do relacionamento Feliciano Flores (2006), lembra:

Cabe aqui citar a expressão de Humberto Maturana (1997), em seu livro *Emociones y Lenguaje en Educación y Política*: “A

competição não é e nem pode ser sadia porque se constitui na negação do outro” WWW.pensamentobiocentrico.com.br , 5. Ed.

A forma de ser e de viver competitivos tem como reflexo a negação do outro, da humanidade enquanto possibilidade de fraternidade, de solidariedade.

E a negação do outro é a negação da própria humanidade, enquanto espécie, enquanto comunidade, enquanto irmandade. O trabalho cooperativo é raramente considerado: o meu “colega-adversário” será um outro “competidor” no Vestibular e na exigente arena do citado mercado de trabalho (MATURANA: 1997: 48).

E a escola nega a possibilidade natural de integração, cooperação, interação saudável e construtiva dos educandos e da comunidade escolar.

Os movimentos instintivos de associação, cooperação, divisão de tarefas e integração, típicos dos organismos e comunidades vivos, são absolutamente negados na escola como reflexo do que ocorre na sociedade. Neste particular, temos que admitir que a escola não poderia ser outra na sociedade em que vivemos (MATURANA: 1997: 49).

NA RAZÃO: COMO INTELIGÊNCIA AFETIVA

Numerosos estudos experimentais têm estabelecido relações profundas entre o "mundo emocional" e a inteligência. As emoções são inseparáveis do pensamento. Isto é verdadeiro no sentido de que as emoções podem inibir ou estimular a tomada de decisões em um momento dado.

Em realidade, a inteligência faz parte de todas nossas funções e de nossa história existencial. Pensamos não somente com o cérebro mas com todo nosso corpo.

Rolando Toro (Apostila, sd) considera que podemos considerar o instinto como uma inteligência cósmica, uma

capacidade inata para responder a estímulos específicos que facilitam a adaptação e a conservação da vida.

A vivência é uma experiência vivida com grande intensidade por um indivíduo em um tempo "aqui - agora" (gênese atual), abarcando as funções neurovegetativas e sinestésicas. As vivências constituem uma porta através da qual penetramos no puro espaço do ser, onde o tempo desaparece e somos aqui e agora. A vivência é ação densa de emoção, é movimento com emoção; é o agir conectado com a vida.

A vivência tem, portanto, uma dimensão ontológica que nos comunica com a profundidade de nosso ser; possui, além disto, uma influência reguladora quando contém uma qualidade afetiva.

Estas duas instâncias, instinto e vivência, se encontram profundamente ligadas e formam parte de nossa raiz biológica de vínculo com a vida.

Os sentimentos são modos de sentir, sistemas de tendências, predisposição a sentir determinadas emoções. Rolando Toro afirma que o fator permanente que integra e dá estrutura à inteligência como função global é a afetividade.

A Inteligência Afetiva

Rolando Toro³ estabelece uma teoria sobre o que chama de inteligência afetiva. A afetividade é determinante na evolução do ser humano, em toda sua vida. O afeto é a base estrutural da inteligência. O conjunto da experiência humana, desde a mais originária se articulam na relação afetiva do homem com o mundo.

A afetividade determina a evolução completa do ser humano, desde a etapa intra-uterina até a maturidade. A inteligência tem sua base estrutural na afetividade. Todo o processo de adaptação inteligente ao meio ambiente e a construção do mundo se organiza

³ Na Apostila da Escola Biocêntrica de Formação de Facilitadores do Curso de Formação Docente em Biodança, sd.

em torno das experiências primárias da relação afetiva. Podemos legitimamente falar de “inteligência afetiva”(TORO, sd: 11).

Da mesma forma Rolando coloca a Afetividade como o maior condicionante da aprendizagem, da memória e da percepção. O afeto seria a fonte originária da motivação para o conhecimento. Do mesmo modo seria o elemento chave para a constituição da memória e da percepção. “A capacidade de aprendizagem, a memória e a percepção estão fortemente condicionadas pela afetividade.”(Toro,sd: 11).

A trajetória existencial do ser humano e suas motivações para viver são marcadas pela emoção. “As motivações existenciais que, no fundo, desenharam nossa trajetória pela vida são de natureza emocional.” (Toro,sd: 11).

A valoração, as escolhas e preferências e o próprio juízo estético estão relacionados diretamente pela afetividade. “A estrutura seletiva, as preferências e o juízo estético estão diretamente influenciadas pela afetividade”(Toro,sd: 11). O processo valorativo que se dá na subjetividade da experiência singular de cada um está determinado pela afetividade e não pela capacidade de lógica de pensar. Rolando chama a afetividade de inteligência biocósmica. Na integração da inteligência e da afetividade se realiza a aprendizagem da linguagem, da literatura, da poesia, da arte como um todo.

A consciência ética não é uma manifestação intelectual ou das funções lógicas; a afetividade é a inteligência biocósmica. A consciência ética tem suas raízes na forma de estruturar emocionalmente o mundo e a relação com os outros seres humanos. A aprendizagem da linguagem, da literatura, da poesia, da arte em geral, possui uma gênese afetiva.(Toro, sd: 11).

Rolando entende ser urgente a necessidade de estudo aprofundado da estrutura da afetividade uma vez que nossa cultura encontra-se estruturada em uma profunda patologia afetiva. Neste sentido afirma que a afetividade é o gênio da espécie. “O gênio da espécie não é a inteligência mas a afetividade orientada para a tolerância, a compaixão, a amizade e o amor” (Toro, sd: 11)

Um dos elementos da estrutura formal do conhecimento é a Inteligência Afetiva. A inteligência afetiva não é um tipo especial de inteligência. Todas as formas diferenciadas de inteligência motora, espacial, mecânica, semântica, social, etc., têm uma fonte comum: a Afetividade. Para compreender isto, é necessário examinar as relações entre inteligência, percepção, elaboração simbólica e nível de consciência.

Para Rolando Toro uma definição mais essencial de inteligência seria a capacidade afetivo-motora de estabelecer conexões com a vida e relacionar a identidade pessoal com a identidade do universo. Todos os membros da humanidade possuem este potencial, sejam eles selvagens ou civilizados, cultos ou ignorantes, mas está profundamente bloqueada pela dissociação afetiva que enluta a sociedade.

Conectar-se com a vida, é participar da inteligência cósmica.

Emoção e Afetividade

“O impacto causado pela difusão do conceito de Inteligência Emocional nestes últimos anos representa a preocupação popular por superar as tendências à abstração nas concepções sobre inteligência, dissociadas da totalidade do ser humano” (TORO, 2006:182)

Pois bem, Toro acredita que chegou o momento de pôr um pouco em ordem intelectual esta legítima preocupação pelas novas formas de inteligência e sua integração com a totalidade das funções humanas. Esta preocupação é coerente com a Teoria da Complexidade proposta por Edgar Morin (2002) e Murray Gell-Mann⁴(1929). Segundo esta teoria, o conceito clássico de inteligência

⁴ Murray Gell-Mann (1929-) es un físico estadounidense, se le otorgó el Premio Nobel de Física en 1969 por sus descubrimientos sobre partículas elementales. La teoría de Gell-Mann aportó orden al caos que surgió descubrir cerca de 100 partículas en el interior del núcleo atómico. Esas partículas, además de los protones y neutrones, estaban formadas por otras partículas elementales llamadas quarks. Los quarks se mantienen unidos gracias al intercambio de gluones. Junto con otros investigadores construyó la teoría cuántica de quarks y gluones, llamada cromodinámica cuántica.

é extremamente simplista e não considera as implicações com aspectos mais profundos e complexos da mente humana.

Na investigação de Raúl Terrén e Rolando Toro revelou que a inteligência aumentava com a prática de biodanza.

Estabelecimento da diferença conceitual entre emocionalidade e afetividade em relação com a inteligência: (TORO, 2006:182-3)

1. AS EMOÇÕES	2. AFETIVIDADE
1. As emoções são transitórias. São produzidas no “aqui-agora”.	Os Afetos têm duração no tempo.
2, surgem a frente a um estímulo específico (agradável ou desagradável)	Têm uma evolução lenta a partir de afinidades profundas.
3. Possuem um forte componente instintivo-vivencial.	Além do componente instintivo-vivencial, têm elementos de consciência e elaboração simbólica.
4. Têm padrões expressivos neurofisiológicos (expressão facial e respiração).	Tem um forte componente introspectivo que não se expressa através de padrões típicos.
5. Têm tendência a manifestar-se através da motricidade e do sistema neurovegetativo. (simpático e parassimpático)	Manifesta-se em níveis somáticos profundos do inconsciente coletivo e do inconsciente vital.
6. As emoções não geram inteligência, mas comportamentos espontâneos.	A afetividade gera inteligência racional, amizade, ternura, compaixão. A afetividade promove a capacidade de identificação com outros.
7. As emoções não induzem empatia, mas expressividade e contágio psíquico.	A afetividade é a base da consciência ética.
8. As emoções reforçam o ego.	A afetividade dá acesso à transcendência (transcendem o ego).
9. As emoções fundamentais são: a raiva, o medo, a alegria e a tristeza.	A afetividade se expressa por: amor, amizade, empatia, solidariedade e consciência ética.
10. Induzem atitudes de rechaço ou atração.	Introduzem sentimentos adaptativos de aceitação, compromisso e generosidade.
11. As emoções têm suma representação anatomo-fisiológica no	A afetividade constitui uma função mais complexa. Está ligada à

Murray Gell-Mann es el autor de The Quark and the jaguar, Adventures in the simplex and the complex, un ensayo de divulgación científica con carácter autobiográfico editado en España por Tusquets bajo el título El quark y el jaguar. Aventuras en lo simple y lo complejo.

Sistema Integrador-Adaptativo-Límbico-Hipotalâmico (SIALH)	função de registro permanente e evocação da memória, á elaboração cortical de valores, á consciência ética, às estruturas simbólicas do inconsciente coletivo (arquétipos) e às variações endotímicas do humor (inconsciente vital)
--	---

A partir destas distinções, descobrimos que a prática de Biodanza eleva a inteligência global e do detalhe (Critério de Rorschach⁵), eleva a inteligência abstrata (Critério de Raven), aumenta a inteligência musical, motora, espacial e, sobretudo, a Inteligência Afetiva(TORO, 2006:183)

As expressões máximas da inteligência humana são o amor e a amizade. O amor é uma interação sutil entre duas identidades que buscam alcançar uma só identidade com outro. É um impulso de fusão com outros. O amor não é um estado momentâneo, mas um "processo" que envolve toda a existência (TORO, 2006:183-4).

O conhecimento biocêntrico se configura a partir da possibilidade de conhecermos a realidade, que está na totalidade do nosso organismo: os sentidos, os instintos, a emoção, o sentimento e a nossa racionalidade integrados num único e complexo organismo. Em nossas células temos um potencial genético de conhecimento que se alarga para a estrutura dos sentidos, dos instintos, da emoção, do sentimento e da racionalidade. Esta estrutura é a estrutura formal do conhecimento pedagógico centrado na vida.

A natureza mesma das coisas, do cosmo, do homem, tudo configura um processo de vida e conhecimento, uma dança viva, uma manifestação do novo, da beleza, da bondade, da amorosidade e da pulsação. A configuração de uma verdade que se manifesta gradativamente revelando sua luminosidade num horizonte que nos evoca a uma proximidade crescente e integradora do mistério que

⁵ O teste de Rorschach é uma prova psicológica projetiva desenvolvida pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach. O teste consiste em dar possíveis interpretações a dez pranchas com manchas de tinta simétricas. A partir das respostas obtidas pode-se obter um quadro amplo da dinâmica psicológica do indivíduo. As pranchas do teste, desenvolvidas por Rorschach, são sempre as mesmas. No entanto para a codificação e a interpretação diferentes sistemas são utilizados.

constitui o próprio fenômeno da vida; mistério crescente de verdade, beleza, de força mobilizadora.

Ao falar da categoria fundamental que caracteriza esta dimensão, Ruth Cavalcante se reporta a Rolando Toro que aponta para o conceito de Inteligência Afetiva, distinguindo emoção e afetividade.

Se priorizarmos o afeto é porque ele vai à história vital, à célula e surge quando a emoção se repete e cria um terreno permanente, que dura no tempo. Entendemos que a afetividade tem origem no vínculo, contribuindo para uma conectividade significativa orientada para a evolução (CAVALCANTE, 2001:8).

E a autora segue afirmando que

...a afetividade possui elementos de consciência, de valores, de compromisso, de componentes simbólicos. Vinculada à percepção, estimula as estruturas cognitivas, favorecendo à construção do conhecimento crítico, tendo como base metodológica a problematização, o diálogo e a vivência (CAVALCANTE, 2001:8).

Estes três elementos seriam os modos de acionar este potencial de conhecimento.

Encontramos uma construtora do conhecimento pedagógico biocêntrico que nos mostra que, de acordo com essa metodologia muitos educadores biocêntricos estão sistematizando a Educação Biocêntrica a partir da ação pedagógica.

É um repensar a educação que ajude as pessoas a aprender a viver e a conviver, tendo como ponto de partida, o respeito à vida e a convivência amorosa, e como método, um enfoque reflexivo e vivencial na prática pedagógica, em que aprendemos pelo cognitivo, pelo intelectual e também através das emoções, dos sentimentos, das sensações e das intuições (CAVALCANTE, 2001:9),

Estes educadores retomam os mesmos fundamentos formais do processo de conhecimento através da atividade educativa.

II. DINÂMICA: A CAUSA EFICIENTE

A causa eficiente é aquela que, por sua *ação-física*, produz o *feito*. Um exemplo pode ser o seguinte: O escultor é causa da estátua, como estátua.

Em nível afetivo é o desencadeamento dos processos vivos de organização da relação afetiva em rede, os processos pelos quais a Afetividade se realiza. É a realização dinâmica do padrão de organização na essência viva das relações de afeto da pessoa consigo mesma, com o outro e com o cosmo. Em nível do conhecimento, nesse sentido, os sistemas vivos são sistemas cognitivos, nos quais o processo de cognição está intimamente ligado ao padrão de autoapoiese. É um sistema cognitivo amplo ligado ao padrão de autoprodução do ser humano, não só uma reprodução biológica, mas de autoprodução da própria essência desse ser de relações afetivas, reprodução do grupo. Assim como os alimentos reproduzem e sustentam a vida em nosso organismo biológico, a Afetividade nutre a existência do próprio ser humano em suas dimensões espirituais e orgânicas. O padrão em rede em si mesmo é considerado imaterial (CAPRA, 2002, 99).

Caracterizada, então, teoricamente como processo, vamos encontrar a dinâmica viva, presente e relacional da Afetividade sempre que se dá a conexão com a realidade no fluxo da vida. A Afetividade viva, vivencial, emocionada, tornada emoção, sedimentada nos sentimentos, expressa numa racionalidade afetiva, é a dimensão mais profundamente dinâmica do fato da vida. A vida é movimento aberto, acontecimento que se concretiza como Afetividade, Criatividade, sexualidade, vitalidade e transcendência e com isso todo o conhecimento.

O processo da vida em ação é o próprio processo permanente do conhecimento em atividade. Ele brota da conexão do nosso ser com a realidade, viva e em movimento aberto e permanente, característico da própria vida. Tudo acontece pelo contato dos nossos

sentidos com a realidade. Este provoca nossa mobilização instintiva, porque o contato nos permite gostar ou não gostar daquilo que é percebido. Quando somos atingidos por essas sensações e percepções surge em nós um fenômeno conhecido como emoção. Ao gostarmos de algo que nos atrai que nos provoca afinidade, somos mobilizados em nosso afeto, em nossa capacidade de amar. A repetição da emoção afetiva origina o sentimento de amor. Ele se torna a fonte motivadora do conhecimento que vai se elaborar em nossa inteligência. Na verdade conhecemos com o corpo inteiro, com a totalidade de nosso ser.

Nessa **estrutura dinâmica**, nessa potencialidade ativa do conhecer biocêntrico vamos reconhecer o contato dos sentidos com a realidade, a mobilização instintiva em função da vida, o movimento emocional, a sedimentação dessas emoções repetidas, a motivação afetiva para conhecer, a mobilização ética e política irreversível diante do conhecimento da alteridade do outro na vida, a necessidade de expressão estética diante da beleza, o cultivo e expressão do pensamento aberto pela conexão com a vida e o universo e a necessidade de recriar a tradição cultural a partir do novo paradigma. Estamos falando do padrão de organização indicada antes, porém em ação, em pleno processo de conhecimento centrado na vida.

No trabalho de construção da Educação Biocêntrica e do Conhecimento Biocêntrico são integradas a Educação Dialógica, o Construtivismo, o Holismo e a Educação Biocêntrica. Conceitos, teorias e práticas estão conectados em rede entre si. O reflexo disso é a expansão da Educação Biocêntrica para a Ação Comunitária, penetrando nas organizações, ajudando a criar em cada espaço um mundo de harmonia, de fraternidade, de solidariedade, “evidenciando a importância de realizarmos uma prática pedagógica voltada pra valorizar as dimensões do espírito e do afeto cultivando a inteligência afetiva numa reeducação para a vida” (CAVALCANTE, 2001:10).

O cultivo da inteligência afetiva é essencial, na Visão Biocêntrica, na percepção do Princípio Biocêntrico, no processo da Educação Biocêntrica e na construção da Cultura Biocêntrica.

O conhecimento biocêntrico é um conhecimento que acontece no processo vivencial, no fluxo do viver, no ser, no organizar, enfim em todo complexo de nossas ações e experiências, a partir da nossa conexão com a realidade. A construção do Conhecimento Pedagógico Biocêntrico, desde seu germinar, crescer, expandir e frutificar acontece na constante ação integral do Educar Biocêntrico e da reflexão centrada sobre ele, mobilizada pela inteligência afetiva.

Quando Rolando Toro falava originariamente da Educação Selvagem se referia à possibilidade do ser humano vir a se manifestar por inteiro através dos seus instintos resgatados, garantindo a conservação e a qualidade de vida. Mover-se, conectar-se, expressar-se, nutrir-se, harmonizar-se são ações de expressão da vida que delineiam o paradigma que dá suporte à estrutura teórica da Biodanza: o Princípio Biocêntrico. A Educação Selvagem estava voltada para a vida instintiva e ecológica, apoiada no Princípio Biocêntrico, até suas conseqüências psicológicas, sociais e pedagógicas, para aí focar duas dimensões que dialeticamente se constroem a partir do nascimento: a vida instintiva e a construção do conhecimento biológico e social.

Assim nascia a Ed. Biocêntrica tendo como mediadora a Biodanza. O enfoque seria a construção do conhecimento crítico, tomada de consciência e a conscientização. A sua expressão exige uma ação no mundo através do diálogo com o outro para a transformação da realidade individual. Para isso, fala Ruth Cavalcante, é preciso desenvolver acima de tudo a afetividade e a criatividade.

No **método biocêntrico** de construção do conhecimento o que fortalece a função de conexão com a vida é a estimulação, facilitação e formação de vínculos impulsionadores das estruturas cognitivas, tendo como referencia a vivencia, os instintos e a expressão dos potenciais genéticos.

Por coerência, a avaliação será realizada em forma de auto-avaliação e avaliação junto com o professor, respeitando o ritmo de aprendizagem e evolução do aluno e do grupo. Os principais teóricos são Paulo Freire, Vygotski, Rolando Toro, Cezar Wagner, Lima Góis, Ruth Cavalcante.

Educação biocêntrica é um permanente diálogo entre teoria e prática e, segundo Rolando Toro ela parte do novo paradigma o Princípio Biocêntrico, cujo objetivo é a conexão com a vida. A imagem de homem proposto é a de um homem relacional, ecológico e cósmico. Por isso, na Educação Biocêntrica podemos ultrapassar a abordagem culturalista da educação para uma orientação à sobrevivência e restabelecimento das funções originárias da vida, e cultivar as funções que regulam o sistema vivente humano (Apostila do Módulo de Educação Biocêntrica).

É de grande especificidade o tratamento do tema Inteligência Afetiva nesta teoria do conhecimento. Toro defende a utilização de mecanismos pedagógicos para o desenvolvimento da Inteligência Afetiva. Apresenta a hipótese que nossa inteligência é parte de todas as nossas funções e de toda nossa história existencial. “Pensamos não só com o cérebro, mas com todo nosso corpo” (Toro, Apostila do Módulo de Educação Biocêntrica).

Toro entende que “o fator permanente que integra e dá estrutura à inteligência como função global é a afetividade”. Isso nos leva a pensar que efetivamente a fonte nutritiva do processo de conhecer é nossa afetividade que no seu momento originário inicia no contato dos nossos sentidos com a realidade. Isto desencadeia em nós atração ou recusa pelo objeto conhecido. De qualquer forma se trata de um tipo de informação que ativa nossa emoção e nosso sentimento para desencadear um processo de reflexão e de investigação, acionando nossa capacidade intelectual permeando-a dessa mobilização.

Por essa razão, quando assumimos um objeto de pesquisa que realmente é pertinente à vida, à experiência e à vivência, ele nos apaixona. Se não nos apaixonarmos na pesquisa ele efetivamente não acontece. É uma ação sem ela, sem combustível ou sem a fonte originária para mantê-la em movimento. A dificuldade de encontrar dinâmicas, técnicas e desafios que mobilizem o aluno para a construção do saber com o sabor da vida é fator que preocupa e frustra muitos educadores.

Rolando acrescenta que a Inteligência afetiva não é um tipo especial de inteligência, mas todas as formas diferenciadas de

inteligência: motora, espacial, mecânica, semântica, social, etc., têm uma fonte comum: a afetividade.

Segundo Wallon, a afetividade não é sinônimo de emoção, e sim as emoções são manifestações da vida afetiva, da mesma forma que os sentimentos e os desejos. A Educação Biocêntrica pretende despertar a afetividade nas pessoas, ampliando sua percepção e expandindo sua consciência ética, o que não permite o controle, a domesticação ou o bloqueio da afetividade. Este bloqueio da afetividade ocorre na maioria das casas de ensino desenvolvendo um verdadeiro estímulo à competição (CAVALCANTE, 2001:45).

Desenvolver a Inteligência afetiva vai ao sentido de um desdobramento da consciência afetiva. É o ponto de partida para a evolução integrada de todas as formas de inteligência. Organiza a percepção e o pensamento assim como todas as funções mentais. Cria a capacidade de estabelecer conexões com a vida, relacionar a identidade pessoal com a identidade do Universo (CAVALCANTE, 2001:45).

Ruth Cavalcante acrescenta que essa capacidade potencial está profundamente bloqueada pela dissociação afetiva imperante em nossa cultura e em nossa sociedade, atingindo a auto-estima das pessoas, a sua capacidade de resolver conflitos e particularmente, a capacidade de compreensão e amor. A autora, assim como Rolando Toro, caracteriza a afetividade como uma das funções psicológicas das mais reprimidas da nossa época. Compreende-se, assim, que o processo de aprendizado, do estímulo ou impulso investigador, da fonte nutritiva do processo de construção do saber fica comprometido e o conhecimento prejudicado. Assim, ao darmos atenção, qualificação, cuidado especial a um aluno ou a um grupo com dificuldades afetivas, podemos atingir um nível de alegria, entusiasmo, respeito, engajamento do educando, construindo um conhecimento engajado, transformador e integrado com a emoção e os sentimentos. Uma relação afetiva integrada e em rede com um grupo é a fonte de nossa “autoridade” baseada na força do amor e da integração.

Em termos metodológicos, então, a construção desse conhecimento é mediada pelo diálogo a serviço da vida. A

aprendizagem é uma autodescoberta e uma autoconstrução. Por isso a construção do saber é acompanhada pela expressão das emoções integradoras através da música, do movimento e emoção.

No mesmo processo busca-se a expressão dos potenciais criativos na relação dinâmica entre a arte e a ciência. A criatividade existencial como possibilidade de ultrapassagem potente e fluida dos obstáculos, dos desafios e das exigências pessoais e sociais de toda ordem. A criatividade como possibilidade de expressão da emoção estética desfrutada na conexão com a profundidade do ser que se revela.

Talvez a principal e mais pertinente forma de articulação do conhecimento biocêntrico seja a vinculação com o meio ambiente, ou seja, com o outro, consigo mesmo e com a natureza. Trata-se de ultrapassar aquele pretensioso olhar de objetividade moderna que, em seu antropocentrismo reduz tudo a algo que pode ser medido, pesado, dominado tecnicamente e submetido como propriedade dessa subjetividade fechada, individualista e competitiva. Com certeza a mais ampla forma de acesso ao saber é o cultivo de rituais de vínculo consigo mesmo, com o outro e com a totalidade.

Outro movimento metodológico biocêntrico é o despertar o espírito de solidariedade e convivência amorosa através de uma conscientização que brota de gestos amorosos, de vivências afetivas, de cultivo da solidariedade, desejo natural e profundo do ser humano. Então a educação passa a ser cooperação com o processo básico de socialização do educando.

Fundamentalmente o caminho da aprendizagem se faz pela interação, vivência, reflexão como já foi afirmado acima. O amor passa a ser a fonte de re-ligação com a vida, por isso o exercício de desenvolvimento e expressão da afetividade. Enfim, aprende-se a conhecer através da autopoiese (Maturana e Varela), da autoconstrução. Viver é conhecer, conhecer é viver.

Na perspectiva da **relação professor – aluno**, o profundo respeito e cuidado do professor com seus educandos e vice-versa permite a interação orientada pela consciência ética.

As relações não se estabelecem da cátedra para alunos em fileiras, mas numa relação horizontal, circular e transdimensional, ou seja, uma relação em rede caracteriza o processo de construção cooperativa do conhecimento. Fritjof Capra (2002) defende a tese que uma organização, um grupo em rede de vínculos potencializa suas capacidades criativas, investigativas, políticas e sociais. A preciosidade que dá consistência e eficácia na construção deste saber centrado na vida é a relação dialógica e amorosa.

Por isso há uma cooperação afetiva e aprendizagem mútua. O ocidente é marcado pelo individualismo, pela dissociação, pela competição e o saber é um instrumento de poder, por isso não é partilhado. Assim tudo depende do cultivo de vínculos, da relação de empatia (CAVALCANTE, 2001:55).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, apresentamos aos leitores uma reflexão sobre o pensamento pedagógico biocêntrico. Sentimos prazer e satisfação em elaborar e refletir as distintas dimensões do que entendemos que seja importante no processo pedagógico a partir dos recursos utilizados por Aristóteles, incrementados por Fritjof Capra com a visão da Teia da Vida. Vejo em Capra a superação da visão de mundo aristotélica integrando essas dimensões operacionais do pensar com uma visão centrada na vida ao abordar a questão das organizações. Com esses indicativos caminhei pela trilha de uma análise e compreensão do pensamento pedagógico biocêntrico. Com certeza tem muitos limites. Contudo, está aí também a possibilidade de novos companheiros mergulharem nos mistérios da razão e do coração dessa pedagogia. Um abraço biocêntrico a todos. Mergulhemos no

Princípio Biocêntrico

É

O Princípio constitutivo do Universo,
Captado na VIVÊNCIA PROFUNDA E EMOCIONADA DE
SENTIR-SE VIVO,

O cosmo surgindo da Vida,
O tecer da teia da Vida,
Entrelaçamento de nossas existências,
Experiência viva da força arrebatadora,
O brotar de cada semente,
Fluindo nos riachos, ocultando-se nos rochedos,
Iluminando o planeta.

É vida transbordando em nossos corações,
Perpassando nossos pensamentos,
Surgindo em nossas emoções,
Expandindo-se nos sentimentos.

É sopro de liberdade,
Abraço terno da mãe
em seu filho,

É a noite e a manhã que pulsam em nós,
É movimento dançante das ondas oceânicas,

A irrupção vulcânica e a brisa suave,
Princípio do pensamento centrado na Vida,

Princípio da criação do Universo,
Princípio da formação de cada ser vivo,
Referência do pensamento ético,

Inspiração e integração estética,

Princípio da expressão criativa,

Princípio que move o desejo e premia com o prazer,

Expressão da Vida em ação e repouso,

Princípio que move a realidade,

Princípio de integração e harmonização,

Princípio de nutrição e proteção, de contato e de vínculo,

Princípio da produção e da transformação da natureza,

Princípio de articulação política do poder do amor,
da democracia, que integra decisão e identidade,
Princípio que une razão e coração,
conhecimento e sentimento,
Princípio do masculino e do feminino em ação,
Princípio da re-criação e de expressão do belo em cada ser,
Percepção sensível da SACRALIDADE DA VIDA.

BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora mEstre Jou, 1960.

CAVALCANTE, Ruth. **Educação Biocêntrica: um movimento de construção dialógica**. Fortaleza, CE: Edições CDH, 2001.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas: ciência para uma vida sustentável**. São Paulo: Cultrix/ Amana-Key, 2002.

TORO, Rolando. **Modelo Teórico. Educação Biocêntrica**. Curso de Formação Docente em Biodanza – Sistema Rolando Toro. Interational Biocentric Foundation.Sd

MATURANA, Humberto. **A ontologia do ser**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

MATURANA, Humberto e Varela, Francisco, **A árvore do conhecimento**. Campirui-SP. Psv, 1987.

MATURANA, H. . **A ontologia da realidade**. Tradução e Organização Cristina Magro [et al.]. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

MORIN Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Organização e Tradução Paula Yone Strob. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

MORIN, Edgar “Complexidade e ética da solidariedade”. In: CASTRO, Gustavo e outros (Orgs.). **Ensaio de complexidade**. 3. ed., Porto Alegre: Sulina, 2002. [Pgs. 07 a 20].

TORO, Rolando et all. Flores (org). **Educação Biocêntrica: aprendizagem visceral e integração afetiva**. Porto alegre: Evangraf, 2006.